

Conjuntura Ganho foi repassado ao consumidor ou incorporado

Produtividade cresceu 1,8% na década de 90, diz estudo

Denise Neumann
De São Paulo

Depois da década perdida, a economia brasileira voltou a acumular ganhos de produtividade nos anos 90. Na média, entre indústria, comércio e serviços e agropecuária, esse ganho foi de 1,8% ao ano entre 1991 e 2000. Estes ganhos, contudo, não tiveram um único beneficiário. Dependendo do setor, eles foram repassados aos consumidores ou incorporados por trabalhadores ou empresas.

O professor Régis Bonelli, pesquisador do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), analisou o comportamento da produtividade em 42 setores da economia brasileira ao longo dos anos 90, tomando como fonte de pesquisa as informações do Sistema de Contas Nacionais, que permite trabalhar com o conceito de valor adicionado por trabalhador em cada setor.

De acordo com suas conclusões, os consumidores foram os principais beneficiários em 11 deles, incluindo equipamentos eletrônicos, equipamentos elétricos, têxteis e calçados. Nestes, os ganhos de produtividade foram repassados ao consumidor final (população ou mesmo o cliente industrial) na forma de redução de preços relativos.

Em outros nove segmentos, as

empresas se apropriaram dos ganhos de produtividade, transformando-os em lucros. Os trabalhadores foram os principais beneficiários em seis segmentos, incluindo o setor público.

Nestes seis, em média, os salários cresceram em uma proporção superior à dos ganhos de produtividade. “Não houve um único ganhador, não há uma regra geral que explique a divisão dos ganhos de produtividade naquela década”, diz Bonelli, um dos maiores especialistas do país no assunto.

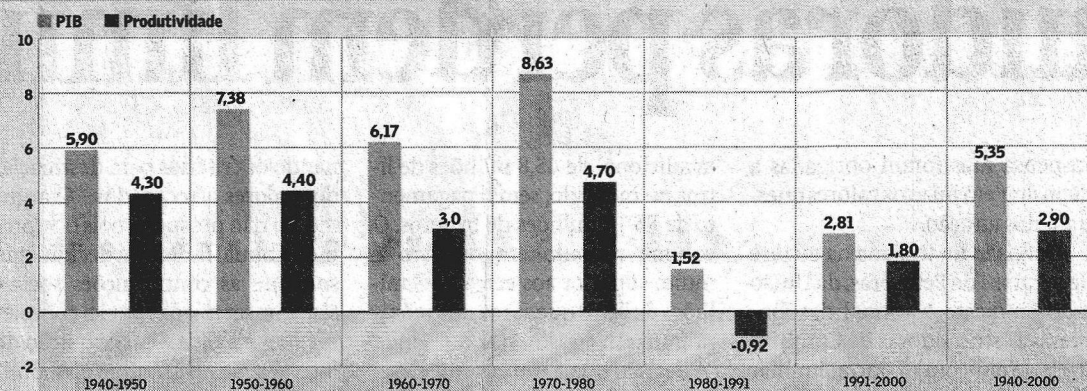
Bonelli recuperou o comportamento da produtividade desde 1940. O ganho médio anual dos anos 90 foi de 1,8%. “Voltamos a crescer”, observa o pesquisador. Os números positivos vieram depois da década perdida.

Entre 1980 e 1990, a produtividade teve uma variação negativa (menos 0,92% ao ano). Se voltar a crescer é uma boa notícia, a comparação com as décadas anteriores deixa gosto de saudade. A produtividade brasileira cresceu 4,7% ao ano entre 1970 e 1980 e 3,0% ao ano nos anos 60.

Os quatro setores que lideraram os ganhos de produtividade nos anos 90 são segmentos que foram privatizados, como comunicações, siderurgia, outros serviços públicos e petroquímica, observa Bonelli. Em comunicações, o ganho médio anual foi de

Crescimento X produtividade

Evolução do PIB e da produtividade do trabalho de 1940/2000, por ano



Quem ficou com a produtividade dos anos 90

Principais beneficiários dos ganhos obtidos de 1990 a 2000, por setor, em % anual

Consumidores (via queda de preços)

Outros produtos metalúrgicos	2,65
Equipamentos elétricos	8,62
Equipamentos eletrônicos	4,36
Madeira/mobiliário	1,31
Químicos diversos	4,80
Têxtil	1,75
Calçados/couro	0,17
Beneficiamento produtos*	2,39
Indústrias diversas	1,57
Transporte	0,80
Instituições financeiras	2,03

Trabalhadores e consumidores

Minerais não-metálicos	3,85
------------------------	------

Trabalhadores (via aumento de salário)

Extrativa mineral/petróleo	4,75
Outros veículos	6,12
Farmacêutica/perfumaria	1,72
Abate/preparação carnes	0,34
Indústria de laticínios	1,57
Administração pública	1,57

Firmas (via mark up)

Agricultura/pecuária	3,01
Siderurgia	9,84
Máquinas/tratores	4,67
Celulose/papel/gráfica	3,18
Química (não petroquímica)	5,23
Indústria café	2,07
Produtos alimentares/bebidas	2,52
Construção civil	1,26
Setor imobiliário	3,12

Consumidores e firmas

Extrativa mineral (não combustíveis)	5,28
Metalurgia não-ferrosos	6,82
Indústria da borracha	7,06

Trabalhadores e firmas

Automóveis/caminhões/ônibus	8,31
Refino petróleo/petroquímica	9,23
Indústria do açúcar	1,18
Fabricação óleos vegetais	7,61
Utilidades públicas	9,50
Comunicações	10,62

Fonte Régis Bonelli. *Origem vegetal/fumo

10,6%. Nesse segmento, os consumidores não foram os principais beneficiários. As empresas e os trabalhadores dividiram essa “riqueza” acumulada nos anos 90.

Em siderurgia, o ganho anual foi de 9,84%. Resultado expressivo, do qual as firmas se apropriaram, segundo as conclusões de Bonelli. A participação do trabalho no valor adicionado deste segmento (e de outros 19) diminuiu neste período.

O nível de emprego, diz Bonelli, não foi tão sacrificado no conjunto dos anos 90 como se imagina. “A

qualidade do emprego foi sacrificada, a ocupação cresceu no setor de serviços e caiu na indústria”, observa o pesquisador do Ipea. A indústria manufatureira respondia por 15,5% dos 58,6 milhões de empregos país—equivalente a 9,0 milhões de postos de trabalho. Em 2000, o total de empregos industriais estava reduzido a 12,4% do total de 64,6 milhões.

O trabalho de Bonelli identificou, nos anos 90, uma queda na produtividade de seis setores. Destes, quatro no segmento de serviços: serviços para empresas, servi-

ços para famílias, serviços privados não mercantis e comércio. Como são grandes empregadores, isso transforma a obtenção de ganhos de produtividade nestes setores em um problema adicional para políticas de geração de emprego, na avaliação de Bonelli. Em 1990, 22,3% das pessoas empregadas trabalhavam no setor de serviços. Em 2000, esse grande setor absorvia 28% da mão-de-obra brasileira.

O trabalho de Bonelli pode ser visto nos textos para discussão no site www.ipea.gov.br